



INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

**Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)**

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Investigação Científica nas Ciências Humanas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
l62	Investigação científica nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-391-0 DOI 10.22533/at.ed.910191806 1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série. CDD 300.72
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação Científica nas Ciências Humanas - Parte 1” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

O papel da investigação científica é amplamente debatido em todos os países desenvolvidos e conseqüentemente, faz parte de todas as agendas políticas. Assumamos, pois, a importância da investigação científica que levamos a cabo pela pertinência dos estudos desenvolvidos face à de outros, e pelo impacto dos resultados junto da comunidade científica.

No caso da investigação científica em educação, é muito acentuada a relação entre investigação e política ou, se assim se quiser pensar, a dimensão política da investigação. Com efeito, a escolha dos temas reflete as preocupações dos investigadores, seja no aprofundamento de referenciais teóricos, seja na compreensão de problemas educativos e formas de os resolver.

É possível afirmar que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. Entretanto, isto não pode levar ao extremo oposto, do professor que se quer apenas pesquisador, isolando-se no espaço da produção científica. Por vezes, há professores que se afastam do ensino, por estratégia, ou seja, porque do contrário não há tempo para pesquisa. Outros, porém, induzem à formação de uma casta, que passa a ver no ensino algo secundário e menor. Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso: o ensino é a razão da pesquisa, se não quisermos alimentar a ciência como prepotência a serviço de interesses particulares. Transmitir conhecimento deve fazer parte do mesmo ato de pesquisa, seja sob a ótica de dar aulas, seja como socialização do saber, seja como divulgação socialmente relevante. (DEMO, 2001)

Para que se tenha um progresso na qualidade do ensino nos seus diversos níveis é necessário que a pesquisa exerça o papel principal dentro e fora de sala de aula, e que apresente um elo para com a prática pedagógica do docente, promovendo uma formação crítica e reflexiva.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS BRASILEIROS SOB ANÁLISE: PENSANDO AURORAS POSSÍVEIS	
Lorena Santos da Silva Paula Côrrea Henning	
DOI 10.22533/at.ed.9101918061	
CAPÍTULO 2	11
A EXPERIÊNCIA DE SER CRIANÇA EM WALTER BENJAMIN	
Eduarda Aleycha Luciano Santana Paula Ramos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9101918062	
CAPÍTULO 3	23
A GEOPOLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS NA “DOCTRINA TRUMP” E A ORDENAÇÃO MUNDIAL	
Matheus Seiji Bon im Takiuchi	
DOI 10.22533/at.ed.9101918063	
CAPÍTULO 4	35
A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Paula Scherer Mariela Camargo Masutti	
DOI 10.22533/at.ed.9101918064	
CAPÍTULO 5	46
SEXUALIDADE E SUAS ARTICUÇÕES NO ESPAÇO DE ENSINO APRENDIZAGEM, A PARTIR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS	
Gabriella Rossetti Ferreira Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9101918065	
CAPÍTULO 6	61
A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO CÊNICO NA CENA SHAKESPEARIANA: IMPASSES DA MONTAGEM DO HAMLET DO TEATRO DE ARTE DE MOSCOU	
Edilaine Dias	
DOI 10.22533/at.ed.9101918066	
CAPÍTULO 7	73
A OBRA SPACCIO DE LA BESTIA TRIONFANTE: COMO REFLEXO DA CRISE RELIGIOSA ENTRE REFORMADOS E CATÓLICOS NO SÉCULO XVI	
Raimundo Pedro Justino de Orlanda Ideusa Celestino Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9101918067	
CAPÍTULO 8	85
A PARADIPLOMANIA NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÕES	
Lucas Lima Da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9101918068	

CAPÍTULO 9	98
ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA: UM ESTUDO SOBRE ESCOLAS ESTADUAIS	
Letícia Prevideli Scarabello Vera Lucia Messias Fialho Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.9101918069	
CAPÍTULO 10	107
APRENDENDO MATEMÁTICA ATRAVÉS DE RECURSOS LÚDICOS: UM ESTUDO VOLTADO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	
Andressa Nunes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.91019180610	
CAPÍTULO 11	116
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO USO DE DROGAS EM MULHERES QUE CONVIVEM COM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	
Ana Maria Kuse Cassandra Borges Bortolon	
DOI 10.22533/at.ed.91019180611	
CAPÍTULO 12	130
ATIVIDADE EXTRATIVISTA MADEIREIRA E URBANIZAÇÃO NO EXTREMO SUL DA BAHIA (1948-1972)	
Luísa Dias Silva Márcio Soares Santos	
DOI 10.22533/at.ed.91019180612	
CAPÍTULO 13	139
COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO POR ATORES DO TURISMO: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DA UNESP – CAMPUS DE ROSANA	
Guilherme Henrique Barros de Souza Elisama de Souza Franco Leticia Sabo Boschi	
DOI 10.22533/at.ed.91019180613	
CAPÍTULO 14	151
CRIATIVIDADE: CAMINHOS, DESVIOS E RETOMADA	
Maria Luiza Ramos Tonussi Eliane Patricia Grandini Serrano	
DOI 10.22533/at.ed.91019180614	
CAPÍTULO 15	163
DESPERTANDO UM OLHAR GEOGRÁFICO E AMBIENTAL NOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA E.E. JOSEPHA CUBAS DA SILVA SOBRE A CANALIZAÇÃO DOS CORPOS HÍDRICOS	
Fábio César Martins Thiago José de Oliveira Márcia Cristina de Oliveira Mello	
DOI 10.22533/at.ed.91019180615	

CAPÍTULO 16	175
DOM VITAL E A QUESTÃO RELIGIOSA NO SEGUNDO REINADO	
Rodrigo Dantas de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180616	
CAPÍTULO 17	194
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BICA DO IPU, CEARÁ: DESAFIOS PARA A BUSCA DE SUSTENTABILIDADE	
Francisca Lusimara Sousa Lopes Vanda Claudino Sales	
DOI 10.22533/at.ed.91019180617	
CAPÍTULO 18	198
EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA AOS TRABALHADORES DO PROJETO PROFISSÃO CATADOR DA UNICRUZ: ORGANIZANDO SABERES PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA	
Ieda Márcia Donati Linck Esther Teixeira Carvalho Ane Elise de Souza Fiuza	
DOI 10.22533/at.ed.91019180618	
CAPÍTULO 19	211
EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO ATRAVÉS DO MODELO DE NEGÓCIO CANVAS	
Cláudia Rafaela Schneiders Roberto Schuster Ajala Luciana Scherer Lucas Ivan Grimm	
DOI 10.22533/at.ed.91019180619	
CAPÍTULO 20	227
ESCOLA SEM PARTIDO: LUTA IDEOLÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR	
Eduardo Danilo Ribeiro dos Santos Aparecida Maria Almeida Barros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180620	
SOBRE A ORGANIZADORA	237

CRIATIVIDADE: CAMINHOS, DESVIOS E RETOMADA

Maria Luiza Ramos Tonussi

UNESP- Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação/ FAAC- Darg Departamento de artes e representação gráfica.

Bauru – SP

Eliane Patricia Grandini Serrano

UNESP- Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação/ FAAC- Darg Departamento de artes e representação gráfica.

Bauru – SP

RESUMO: A criatividade pode ser intuída por meio da prática pedagógica do professor, da concepção dos currículos escolares, da existência de recursos, e da atenção às individualidades de cada aluno. Estas são importantes variáveis quando se diz respeito ao desenvolvimento do potencial criativo dos alunos, assim, consideramos que os professores podem ser facilitadores da criatividade, como um transmissor de uma energia criativa. Investigar o conceito de Criatividade de modo amplo e, posteriormente, na Educação Escolar. Os objetivos gerais da pesquisa, fruto de uma Iniciação Científica foram: analisar o papel da Arte na Educação Escolar, de maneira a compreender seus valores na formação do indivíduo; investigar o conceito de Criatividade de modo amplo na educação e conhecer o posicionamento de educadores acerca de tal

conceito.

PALAVRAS-CHAVES: Criatividade; Arte/ educação; Formação continuada.

CREATIVITY: PATHS, DEVIATIONS AND RECAPTURE

ABSTRACT: Creativity can be intuited through the teachers's pedagogical practice, the nature of the school curriculum, and the attention to the individualities of each student. These are important variables when it comes to developing students' creative potential, so we consider that teachers can be facilitators of creativity as a transmitter of creative energy. To investigate the concept of creativity broadly and, later, in School Education. The general objectives of the research, the fruit of a scientific initiation were: to analyze the role of art in education, in order to comprehend it's values in the formation of the individual; to investigate the concept of creativity in education and to know the position of educators on the concept.

KEYWORDS: Creativity; Art/education; Continuing education.

1 | INTRODUÇÃO

A escola tem um grande papel no processo de desenvolvimento da capacidade criadora,

mesmo que se considere como algo intuitivo e inerente ao homem, a criatividade é sustentada através de vivências, e a escola é parte fundamental nas experiências humanas. Podemos dizer que a criatividade é desenvolvida por meio dos recursos que fazem parte do meio escolar, como o currículo pedagógico, os recursos didáticos, e principalmente, a prática pedagógica do professor. Contudo, isto não significa que a escola deva realizar intervenção direta nas criações dos alunos, mas sim propiciar espaços em que as crianças se sintam confortáveis durante o ato de criação, além de viabilizar recursos em que se ampliem os seus repertórios sensoriais e culturais. Segundo o autor Viktor Lowenfeld:

O próprio ato de criar pode fornecer-lhe novos vislumbres, novas perspectivas e nova compreensão para ação futura. Provavelmente, o melhor preparo para criar seja o próprio ato de criação. Esperar que possa ser obtida uma boa preparação de fatos para então agir, ou impedir que a criança crie, enquanto não se sabe o essencial para o assunto, atuar inteligentemente, pode ser um modo de inibir mais do que estimular a sua ação. Proporcionar-lhe a oportunidade de criar, constantemente, com os conhecimentos que possua nesse período, é a melhor preparação para seu futuro ato criador. (LOWENFELD, 1977, p.16)

Estas são importantes variáveis quando se diz respeito ao desenvolvimento do potencial criativo dos alunos, assim, consideramos que os professores podem ser os facilitadores da criatividade, como um transmissor de uma energia criativa. Segundo Lowenfeld (1977) aquilo que se resume de mais importante no estudo da criatividade, é a criação de um meio seguro dentro do ambiente escolar, onde se podem quebrar regras sem receber sanções, bem como oferecer perspectivas positivas em relação às perspectivas dos alunos, deixando-os ultrapassar limites sem medo de errar, pois a repreensão pode ser algo irreversível quando nos referimos a liberdade de criação.

A arte, por sua vez, caminha ao lado da criatividade, e apesar de uma necessidade vital, ainda enfrenta problemas no que diz respeito a sua afirmação como área de conhecimento essencial para o desenvolvimento do homem. Desta maneira, a presente pesquisa questiona e investiga o conceito de criatividade dentro do âmbito escolar, dialogando diretamente com a prática pedagógica, e a valorização da formação continuada dos professores.

Foi a partir do questionamento de qual era o motivo pelo qual as crianças perdem sua sensibilidade no decorrer dos anos escolares, e conseqüentemente, qual era o papel do professor no âmbito da criação dos meios, que se deu o tema desta pesquisa, que consistiu na aplicação de um questionário de cunho quantitativo e qualitativo, para as professoras participantes do grupo de pesquisa Polo Arte na Escola Faac/Unesp Bauru: Formação continuada de professores.

A pesquisa se estruturou, primeiramente em uma pesquisa bibliográfica, acerca do contexto da Arte Educação no Brasil e de como o conceito criatividade foi explorado e inserido teoricamente na escola. A segunda parte focou os relatos dos professores sobre suas vivências em sala de aula, por meio da aplicação de um questionário, a fim

de observarmos qual o papel da Arte em relação ao exercício da criatividade e como ela é trabalhada e desenvolvida nas salas de aulas.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 A história da arte/educação no Brasil

O início desta pesquisa se deu através de um embasamento teórico desenvolvido em dois temas principais: a história da arte-educação no Brasil e o desenvolvimento da capacidade criadora. Para entender e analisar o papel da arte na educação escolar, bem como a história de sua formação no Brasil, utilizamos obras de Ana Mae Barbosa, como “Arte-educação: leitura no subsolo” e “Arte- educação: conflitos/acertos”, além das obras de Herbert Read (2012) e Luciana Mourão Arslan (2006). Em relação a investigação do conceito de Criatividade de modo amplo e, posteriormente, na Educação Escolar, foram utilizados como principais suportes teóricos as obras de Fayga Ostrower, “Criatividade e processos de criação” (1977) e de Viktor Lowenfeld, “Desenvolvimento da capacidade criadora” (1977). Ambos os autores, tem como fundamento, a ideia de que a Criatividade não é um potencial exclusivo de alguns privilegiados. Para Fayga Ostrower:

Inata ou até mesmo inerente à criação do homem, a sensibilidade não é particular somente a artistas ou alguns poucos privilegiados. Em si, ela é patrimônio de todos os seres humanos. Ainda que em diferentes graus ou talvez áreas sensíveis diferentes, todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade. (OSTROWER, 2010, p.12)

Desta maneira, o potencial sensível e a necessidade de se expressar são aspectos naturais dos seres humanos, e é neste sentido, de troca entre o mundo interior e o exterior, que nasce o termo “arte”, que depois, no seu encargo de disciplina escolar, será a principal potencializadora dos recursos sensíveis e criativos do ser humano. Entretanto, apesar de uma necessidade vital, a arte ainda enfrenta problemas no que diz respeito a sua afirmação como área de conhecimento essencial para o desenvolvimento do homem, isso advém principalmente, da ideia de que os aspectos de cognição são mais importantes para o desenvolvimento dos indivíduos em formação, deixando de lado, os múltiplos potenciais do ser sensível e cultural.

Com estes fundamentos do senso comum, cresce a ideia de que a arte é reservada para poucos, tanto no aspecto do fazer, mas também, no de apreciar e/ou consumir. Segundo uma pesquisa de 2010 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 70% da população brasileira nunca foi a museu ou centro cultural. Estes dados confirmam a importância do papel da arte dentro da educação escolar, pois é através dela que se exercita a capacidade sensível nos indivíduos em formação, como Ana Mae Barbosa coloca:

Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2002, p. 18).

Para entendermos os motivos pelos quais esse quadro de desvalorização da arte se funde, faz-se necessário um breve apanhado histórico da arte/educação no Brasil. Para Ana Mae Barbosa (1988) a história da educação no Brasil pode ser concebida como uma história de “influências e dependência cultural”.

Ela vai se iniciar no final do século XIX, sob a influência da industrialização e da ideologia antielitista, neste período do contexto republicano, os liberais introduziram o ensino no desenho nas escolas com o objetivo da criação de mão-de-obra industrial, a partir de um modelo de ensino norte-americano idealizado pelo educador Walter Smith. Essa metodologia do ensino do desenho se estendeu até meados do século XX.

O próximo período de destaque, e que teve grandes contribuições para o desenvolvimento da arte educação, foi o modernismo. Inaugurado por meio da Semana de 22. Neste período se aflora a preocupação com o ensino primário, do ponto de vista dos reformistas e se instaura então um movimento conhecido como “Escola Nova”, que tinha como anseio a inclusão da arte nos currículos escolares. Agora, diferentemente dos ideais baseados no ensino do desenho pelos modelos americanizados, o movimento da escola nova tinha como bandeira, o ensino baseado na ideia de arte como um instrumental mobilizador, como desenvolvedor da capacidade crítica e sensível.

Os teóricos utilizados para o embasamento da Escola Nova, foram principalmente, John Dewey e Anísio Teixeira, que buscavam a valorização da arte dentro do âmbito escolar. Os conceitos de Dewey foram ramificados em diversos tipos de ensino de arte no Brasil. Um dos mais importantes foi conduzido por Mário de Andrade, que em 1936 se encontrava no cargo de Secretário da Cultura de São Paulo, desta forma, implantou uma rede de ateliês infantis, nos Parques e Bibliotecas Infantis. Estas instâncias foram de grande valia para a disseminação dos ideais acerca da arte/educação.

O Estado Novo interrompe os trabalhos realizado pela Escola Nova, e é neste momento que temos o início da pedagogização da escola, com o retorno dos conteúdos de desenho geométrico e a cópia de estampas. Desta forma, firmam-se ideias antilibertárias, fazendo com que mais uma vez, o ensino de arte no Brasil fosse desmantelado. A partir destes acontecimentos, as discussões acerca da valorização do ensino artístico, vinculado a uma ideia de formação precípua para os alunos, e refletidas principalmente por Mário de Andrade, foram abandonadas.

Em 1948, Augusto Rodrigues (1913 - 1993), arte/educador pernambucano, criou a Escolinha de Arte do Brasil.

Logo a Escolinha recebe grande incentivo e apoio de educadores atuantes, como Anísio Teixeira (1900 - 1971) e Helena Antipoff (1892 - 1974). E pouco tempo depois,

a Escolinha de Arte do Brasil se espalha por todo território nacional, desta maneira, nasceu o Movimento Escolinhas de Arte (MEA).

Foi neste período, no ano de 1958, que se cria uma lei federal que permitia e regulamentava as classes experimentais, com o objetivo de investigar e analisar diferentes formas de educação experimentais, visando a renovação dos currículos escolares. Com isso, a arte passa a fazer parte dos currículos experimentais. Isso significa que alguns conteúdos já trabalhados nas escolas como o método de arte como expressão, agora poderiam ser trabalhados mais profundamente, a partir da agregação da arte nos currículos.

Avançando mais um pouco, em 1961, A Lei de Diretrizes e Bases, decretando o fim na universalização das escolas, abriu espaço para algumas das atividades iniciadas em 1958, pudessem continuar. Entretanto, o objetivo principal, que seria o de tornar a arte em conteúdo escolar, ainda não havia sido alcançado, e com o início da Ditadura, em 1964, este objetivo ficara mais longe ainda.

Com a ação multiplicadora das Escolinhas de Arte do Brasil, no ano de 1971, é comungada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 5.692/71). Esta lei foi um grande marco na caminhada pela democratização do ensino da arte no Brasil, porém, apesar do grande avanço, a 5.692, tinha uma aplicação e um objetivo muito antagônico ao que os arte/educadores lutaram para conquistar. Esta lei, ao contrário do que se era esperado, e aplicado nas escolas, tinha seu ensino voltado para a profissionalização dos jovens. Se tratava, portanto, de uma lei inteiramente tecnicista, que visava apenas o ensino de desenho técnico, com o objetivo trilhado ao mercado de trabalho.

Apesar na Lei de obrigatoriedade do ensino de arte tenha sido comungada no ano de 1971, apenas dois anos depois, em 1973, é criado o primeiro curso de Licenciatura, que era nomeado como Educação Artística. Este curso era chamado de licenciatura curta, e tinha a duração de dois anos. É a partir destes cursos, que nasce o conceito de Polivalência, pois o professor formado, deveria dar o conteúdo relacionado às três linguagens artísticas: artes plásticas, artes cênicas, e música. Após a licenciatura curta, os professores podiam continuar seus estudos específicos em cada uma das três áreas, buscando assim, a licenciatura plena.

Ainda hoje podemos observar os resquícios a polivalência no ensino de arte no Brasil, apesar da lei 13.278, sancionada no dia 2 de maio de 2016, que diz:

“As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

.....” (NR)

Art. 2º O prazo para que os sistemas de ensino implantem as mudanças decorrentes desta Lei, incluída a necessária e adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica, é de cinco anos. (BRASIL, LEI Nº 13.278, 2016)

Desta forma, reiteramos a importância da formação do professor, pois este é o

principal responsável pela mediação dos conteúdos em sala de aula, é neste sentido que esta pesquisa se aplica, buscando relacionar o trabalho de formação continuada realizado no Polo Arte na Escola FAAC/UNESP – Rede Arte na Escola: Formação Continuada de Educadores, com o desenvolvimento da criatividade e da capacidade sensível dos alunos, pois, através desse apanhado histórico, pudemos evidenciar as múltiplas barreiras que envolveram e envolvem o ensino da arte até os dias atuais. Apesar de muito trabalho pela frente, a luta pela valorização do ensino de arte se faz cada vez mais forte.

2.2 Aplicação do questionário

O desenvolvimento do tema desta pesquisa se deu pela participação da proponente, como Bolsista Voluntária no Projeto de Extensão Polo Bauru FAAC/UNESP – Rede Arte na Escola: Formação Continuada de Educadores. O Polo UNESP Bauru foi implantado em 2004, fruto de um convênio entre a Universidade Estadual Paulista e o Instituto Arte na Escola. Sua missão principal é a implementação e disseminação de ações que contribuam, no âmbito do ensino das Artes, para a melhoria da educação básica através de reuniões que acontecem quinzenalmente. Desta maneira, o questionário destinado às professoras participantes do Polo Arte na Escola, integrou parte da pesquisa de Iniciação Científica, com objetivo investigar o conceito da criatividade dentro do âmbito escolar e quais as contribuições da formação continuada para os professores da rede pública e privada da cidade de Bauru.

O questionário foi aplicado de duas formas, presencialmente, em um dos encontros do grupo de estudos, e através da plataforma *Google Formulários*. No total foram reunidos dezoito depoimentos, de professoras participantes do período matutino e vespertino. Ao todo, o questionário tinha sete questões.

Não incluindo os dados pessoais, a primeira questão era em relação ao tempo de participação no Polo Arte na Escola. Das dezoito professoras depoentes, as maiores porcentagens são referentes as professoras que iniciaram no grupo de estudos no 2º semestre de 2018, somando 22,2%, em seguida 16,7% que participam há dois anos, e 11,1% que participam há 4 anos. As participações mais longínquas são as de 11 anos (5,9%), 10 anos (5,9%) e 7 anos (5,9%), o restante tem participações que variam de 5 anos até 6 meses, somando 33,5%.

A segunda questão referia-se ao ciclo escolar de atuação das professoras. Pelo gráfico 1, podemos evidenciar que a maioria das professoras atuam na Educação Infantil, somando 77,8%. Em seguida, temos o Ensino Fundamental II, com 22,2%, Ensino Fundamental I, com 11,1% e por último, Ensino Médio e EJA, ambos com 5,6%. Estes dados são um reflexo direto da formação das professoras participantes do Polo, pois a maioria tem a formação em pedagogia.

Em qual ciclo do Ensino Básico você atua?

18 respostas

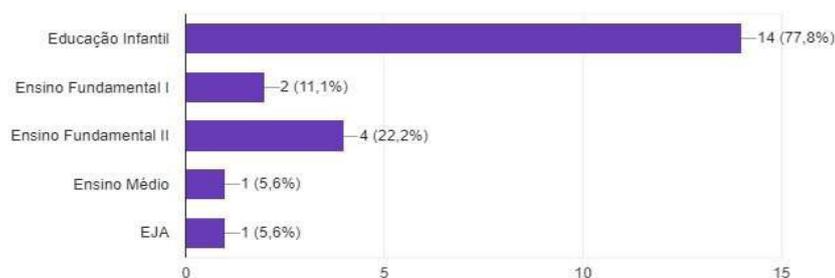


Gráfico 1- Ciclo de atuação das professoras participantes do Polo Arte na escola.

Fonte: do autor.

O terceiro ponto, questionava o tempo de experiência das professoras. Dividimos os dados em dois grupos: professoras com mais de 20 anos de experiência profissional, dentro deste grupo, os valores variam entre 22 anos e 30 anos, e professoras com menos de 20 anos de experiência profissional, que variam entre 7 anos e 19 anos de experiência. Desta forma, chegamos ao resultado de 55,5% das professoras têm mais de vinte anos de experiência e 44,5% têm menos de 20 anos. Como podemos observar no gráfico 2, a seguir.

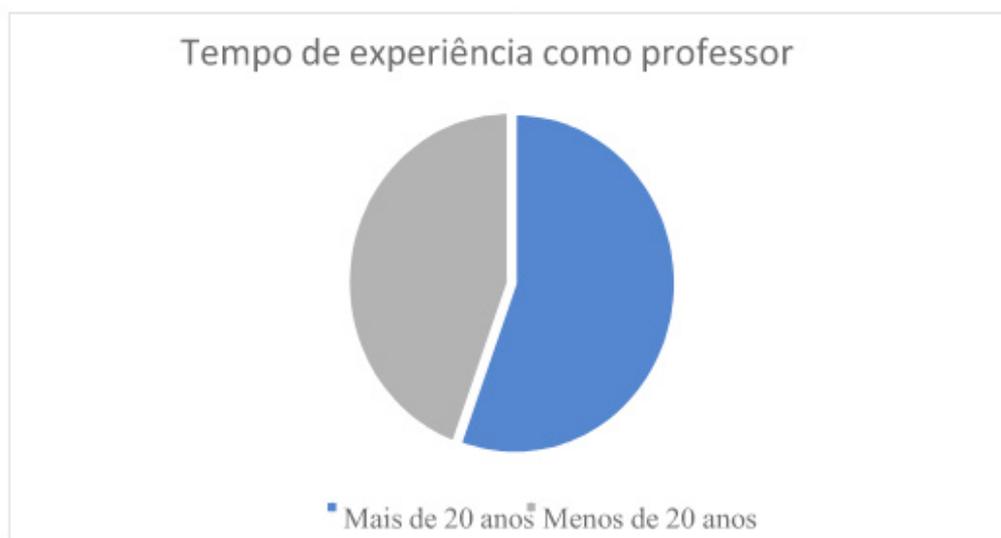


Gráfico 2- Tempo de experiência das professoras.

Fonte: do autor.

A quarta questão foi desenvolvida com o propósito de reflexão sobre a importância da criatividade em nossa sociedade. Neste campo, as professoras relatam sobre a importância da criatividade, no caso de resposta positiva, houve a complementação sobre em quais setores da sociedade esta importância se destaca. De acordo com o depoimento da Professora I:

Muito importante e em todos os setores, pois a considero inerente ao homem, inerente

à vida, mais que uma visão artística, é uma visão política, histórica e filosófica. A natureza criativa é elaborada dentro de um contexto cultural e age de acordo com as potencialidades individuais, que realizadas, configuram as particularidades de uma época. (Professora I)

Assim como Ostrower (2010), a professora depoente acredita no conceito de criatividade como algo naturalmente humano. Entretanto, esta concepção não é generalizada. Para a Professora II, por exemplo, a criatividade é importante, mas não pode ser desenvolvida em todos os setores da sociedade em geral, desta forma ela complementa: “Em todos que permitem: educação, culinária, saúde, etc. Geralmente, o que permite flexibilizar regras” (Professora II). Com estes dois depoimentos, passamos a compreender que, mesmo atuantes na área da educação, as professoras têm visões muito distintas sobre o mesmo assunto. Ambas consideram a criatividade importante, o que as diferencia é a relação de proximidade com o tema aqui abordado, de um lado temos uma visão mais aprofundada, pois se acredita que a criatividade é algo natural ao ser humano, e de outro que distancia a criatividade, colocando-a como uma atividade a ser reservada a poucos.

A quinta pergunta foi desenvolvida com o propósito de analisar se as unidades escolares em que as professoras trabalham contemplam, em seu Projeto Político Pedagógico, alguma questão acerca da criatividade. Com base nas dezoito respostas, podemos observar no gráfico 3, que quinze professoras (83%) afirmaram que sua unidade escolar contempla o tema. Duas (11,1%) não souberam responder, e apenas uma (5,6%), relatou que sua escola não tem a criatividade inclusa no Projeto Político Pedagógico.

O Projeto Político Pedagógico da sua unidade escolar contempla a criatividade?

18 respostas

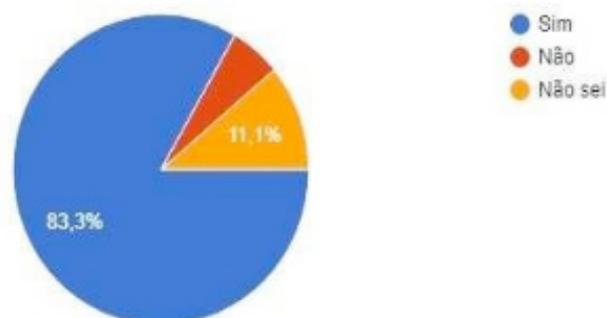


Gráfico 3- A presença da criatividade nos Projetos Políticos Pedagógicos.

Fonte: do autor.

Estes dados são muito positivos, pois demonstram que as unidades escolares, e seus gestores, consideram a criatividade como uma característica a ser explorada nas escolas. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no volume 6, referente à

disciplina de arte, encontramos o seguinte trecho:

O princípio da livre expressão enraizou-se e espalhou-se pelas escolas, acompanhado pelo “imprescindível” conceito de criatividade, curioso fenômeno de consenso pedagógico, presença obrigatória em qualquer planejamento, sem que parecesse necessário definir o que esse termo queria dizer.

(BRASIL, 1997, p.20)

Desta forma, afirmando-se como uma necessidade pedagógica, a criatividade é assegurada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, e portanto, este tema deve ser contemplado em todos os Projetos Políticos Pedagógicos.

A sexta, e última questão, diz respeito ao trabalho realizado pelas professoras depoentes. Foi questionado se o tema criatividade era desenvolvido em sala de aula, e se a resposta fosse positiva, como era o seu desenvolvimento. Analisando os depoimentos, todas as professoras disseram trabalhar o potencial criativo dos alunos. Algumas respostas foram direcionadas à construção de um repertório:

Sim, criatividade não “brota” do nada. Então conduzo o olhar das crianças para as coisas do seu redor. A literatura, as obras de arte, a música, os elementos da naturais, etc. Depois de “bem nutridos”, eles têm mais possibilidade de criação, de conectar os elementos. (Professora III)

Sim, a aprendizagem vem do uso da criatividade quando repertoriamos nossos alunos, aguçamos a curiosidade que leva a uma criatividade além da sala de aula, criatividade para a vida. (Professora IV)

Sim. Repertoriando o aluno e instigando às produções individuais e coletivas onde possam empregar materiais, ferramentas e seus processos próprios. (Professora V)

De fato, um dos processos de criação mais importantes, é o repertório, pois, é através da nutrição visual, que surgem as possibilidades criativas. Segundo Ostrower (2010), as imagens referenciais não são herdadas, elas configuram-se a partir das experiências individuais e coletivas.

Portanto, toda escola deve ter como objetivo, estimular os alunos a se identificarem com suas próprias experiências, desenvolvendo um espaço para que estes possam se expressar de maneira livre, através de seus sentimentos, emoções, e, desta forma, desenvolvendo sua própria sensibilidade estética.

Ainda referente à última questão, uma das respostas mais interessantes, foi o depoimento da Professora VI:

Sim, busco desenvolver a criatividade, embora tenha dificuldade, pois na minha vida e formação isto não foi trabalhado da maneira ideal. Como desenvolver a criatividade se é uma falha na minha formação?

(Professora VI).

Esta resposta dialoga diretamente com a discussão aqui apresentada, a respeito da importância da formação continuada dos educadores, pois como ali descrito,

para desenvolver, é preciso ter experimentado diversos processos criativos, pois o processo criador abrange a incorporação do eu na atividade, desta forma, o próprio ato de criar favorece a compreensão do processo pelo qual os outros estão passando, ou passarão. Por conseguinte, quando há falhas nestes processos dos professores, eles não se sentirão preparados para realizar estas experiências com terceiros, e novamente, afirmamos a importância das formações docentes, para que estes se sintam como parte dos processos pelos quais seus alunos vivenciarão.

3 | DISCUSSÃO O CONCEITO DE CRIATIVIDADE

Após o levantamento histórico da arte-educação no Brasil, o trabalho se debruçou em relação ao conceito de criatividade, baseado a partir dos livros já citados, de Fayga Ostrower, “Criatividade e processos de criação” (1977) e de Viktor Lowenfeld, “Desenvolvimento da capacidade criadora” (1977).

Para Fayga Ostrower, a criatividade é algo não apenas inerente ao homem, mas uma necessidade vital. Neste sentido, a autora coloca o potencial criador como algo não apenas relacionado ao mundo da arte, mas de forma global, envolvendo todos os aspectos da vida humana, interligando o criar com o viver.

Apesar de sua relação natural com o ser humano, a criatividade se estabelece a partir do contexto cultural em que a pessoa está inserida, os valores culturais vigentes constituem o clima mental para o seu agir (OSTROWER, 2010). Desta forma, o criar vai ser dividido em dois aspectos: o nível individual, que diz respeito as potencialidades do ser único, e o nível cultural, que determina as potencialidades criativas a partir de uma cultura já estabelecida.

Basicamente, criar é formar, a forma converte a expressão subjetiva em comunicação objetivada (OSTROWER, 2010). Portanto, o ato criador, ao formar, estabelece relações com o configurar, significar, relacionar e ordenar. Isso determina o conceito de homem, que se diferencia dos outros animais através do trabalho, compreendemos então que o ato criador é a percepção sensível materializada.

É através deste repertório sensível-cultural que se encontra a relação entre a escola e a criatividade, pois a escola tem como função principal a sociabilização do saber historicamente acumulado, trazendo assim, os repertórios imagéticos para seus alunos. Através de Lowenfeld (1977), podemos compreender de maneira mais clara esta relação da escola e o potencial criador. Para o autor:

Num sistema educacional bem equilibrado, em que o desenvolvimento do ser total é realçado, o pensamento, o sentimento e a percepção do indivíduo devem ser igualmente desenvolvidos, a fim de que possa desabrochar toda sua capacidade criadora em potencial. (LOWENFELD, 1977, p.18)

Entendemos que o ensino de arte dentro do currículo escolar, deve receber um lugar de destaque, pois a arte desempenha um papel potencializador no que se diz

respeito à formação dos alunos. No processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança proporciona parte de si própria: como pensa, como sente e como vê. Para ela, a arte é atividade dinâmica e unificadora (LOWENFELD, 1977).

A partir destes dados, passamos a entender a importância do professor em relação a seu papel como mediador dos conteúdos. Assim como Ostrower (2010), Lowenfeld (1977) acreditava que a criatividade é algo intrínseco ao ser humano, entretanto, para que possa haver as objetivações do pensamento, ou seja, o ato criador, as crianças devem ter seus sentidos exercitados, através do repertório imagético-sensorial. Desta forma, podemos elucidar o ensino de arte por meio de uma cascata, quando temos um professor que possui uma carga de referências, este terá uma maior percepção e sensibilidade ao trabalhar os conteúdos, principalmente artísticos.

Portanto, como observamos nos depoimentos das professoras, esta carga de responsabilidade referente ao trabalho dos professores, e expressado pelos autores, é pertinente. Para a professora VII:

Sim, pois em cada área e a cada novo olhar para um novo tema proposto, a criança traz sua história e seu olhar, e através do conhecimento científico tenho o dever enquanto educadora, também o despertar para o novo, o sensível e às inúmeras possibilidades. Tudo se passa ao mesmo tempo e quanto mais ofereço repertórios às crianças, estas afetadas, criam e reagem por diferentes vias. (Professora VII)

Desta forma, podemos concluir, que além do trabalho educativo, onde o professor tem a figura de mediador dos conteúdos e gerador de possibilidades criativas, dar liberdade de criação aos alunos é fundamental, pois serão nestes momentos mais libertadores, que o aluno fará as relações entre os conteúdos oferecidos pelo professores, e suas aspirações individuais, gerando então, um genuíno e completo processo de criação, onde todas as vivências e as características do aluno, como sujeito singular, são respeitadas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os dados do questionário, e por meio dos conceitos desenvolvidos pela pesquisa bibliográfica, podemos perceber que, apesar das dificuldades que envolvem este tema, o desenvolvimento da capacidade criadora ainda é considerado pelos professores um aspecto importante no que diz respeito a formação integral dos alunos.

A Arte contribui para o despertar da sensibilidade estética e para desbloquear a criatividade, proporcionando o desenvolvimento da individualidade. Deste modo, a educação pela arte, busca a formação de um ser humano completo, onde os aspectos moral, intelectual e estético estão em harmonia. Alguns fatores são importantes para o desenvolvimento de um ambiente que assegure a liberdade de expressão dos alunos, e um deles é a formação dos docentes. Fusari e Ferraz (1999) afirmam que ao chegar

à adolescência, muitos jovens demonstram uma perda no entusiasmo pelas questões artísticas, ao contrário do grande envolvimento manifesto pelas crianças, isto implica uma grande responsabilidade aos professores que tem o difícil papel de manter vivo este envolvimento e interesse em Arte.

Por estes aspectos aqui desenvolvidos, vimos que não só a criatividade, mas a disciplina de arte, em sua totalidade, é a única disciplina que se concentra verdadeiramente no desenvolvimento de experiências sensoriais, proporcionando um ensino pautado nas sensibilidades criadoras. Para Lowenfeld (1977) “quanto maior for a oportunidade para desenvolver uma crescente sensibilidade e maior a conscientização de todos os sentidos, maior será também a oportunidade de aprendizagem” (p.17). Portanto, a pesquisa realizada, apesar de investigativa, não tem um caráter conclusivo, ao contrário, ela pode despertar novos interesses e futuros desdobramentos.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: Conflitos/acertos**. 3 ed. Max Limonad, 1988.

BARBOSA, Ana Mae. Tavares Bastos (org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. 7 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos**. Rede São Paulo de Formação Docente Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio, São Paulo: 2011. Disponível em: < https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf> Acesso em: 22 de set de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 130p. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em: 22 de set de 2018.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. **Sobre o Instituto Arte na Escola**. 2017. Disponível em: < <http://artenaescola.org.br/institucional/> > Acesso em: 17 de abril de 2017.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **4515. JC - ON LINE: Ipea constata que 70% da população brasileira nunca foram a um museu ou a um centro cultural**. IPEA na Mídia. Brasília: Ipea, 2010.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo : Mestre Jou, 1977.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-391-0

